

LEONARDO BOFF

Ecoteólogo e escritor

O resgate da figura do pai

No dia 9 de agosto celebrou-se o dia dos pais. Contatamos,no em tanto, que uma onda de crises que assolam a sociedade,pelo menos, a ocidental, não poupou a figura do pai. A justa crítica das feministas ao patriarcado e ao machismo e o estabelecimento científico da existência de uma era matriarcal, há 20 mil anos, caracterizada por uma profunda integração com a natureza e por uma intensa espiritualidade, ajudaram a pôr em xeque a pretensa primazia do homem e do pai. As reflexões das mulheres sobre sua própria identidade e a expressiva presença delas em todos os âmbitos da sociedade, junto com a crítica ao poderio patriarcal, aprofundaram a crise da figura do pai.

A complexa divisão do trabalho nas sociedades modernas, dilacerou, em parte, os laços familiares, afetando especialmente a figura do pai. Este vai ao trabalho e, não raro, nem tempo tem para marcar presença junto à esposa e aos filhos e filhas. Por estas razões que alguns estudiosos falam do eclipse da figura do pai. Um autor alemão A. Mitcherlich escreveu um discutido livro:”Rumo a uma sociedade sem pai”(1963). Passa-se do pai ao grupo de amigos. A tradição psicanalítica de S.Freud, de C.G.Jung e de outros, deu centralidade à função da figura do pai no desenvolvimento psicológico dos filhos e filhas.

Diria que as mulheres, depois de tantos embates, definiram mais adequadamente sua identidade. Ao passo que os homens estão em busca de sua identidade num mundo tremendamente modificado e acelerado.Há uma saudade pela volta do pai amoroso e de sua função, Ela foi expressa há séculos na Odisséia

de Homero, quando Telêmaco, filho de Ulisses diz: “Se aquilo que os mortais mais desejam, pudesse ser conseguido num abrir e fechar de olhos, a primeira coisa que eu quereria, seria a volta do pai”. Estimo que há uma saudade da figura do pai não patriarcal mas amoroso e o que ele representa no desenvolvimento dos filhos.

Por isso, mesmo com as mudanças havidas, é decisivo resgatar a figura do pai. Ele é imprescindível para um processo de individuação dos filhos e filhas bem realizado. A ausência do pai pode produzir consequências graves.

Não sei qual é a situação em termos numéricos em nosso país. Tive acesso a estatísticas oficiais recentes dos EUA que referem os seguintes dados: 90% dos filhos fugidos de casa ou sem moradia fixa eram de famílias sem pai. 70% da criminalidade juvenil provinha de famílias onde o pai era ausente. 85% dos jovens em prisões, cresceram em famílias sem pai. 63% de jovens suicidas tinham pais ausentes. Tais dados me reportam a um inspirador estudo de C.G.Jung de 1949: A importância do pai no destino do indivíduo e também de S. Freud de 1924 A dissolução do complexo de Édipo.

Curiosamente, o Cristianismo mostra comovedora volta do pai na parábola do filho pródigo. Aqui invertem-se os papéis. O filho que saiu de casa e levou uma vida dissoluta, sente saudades da casa paterna. Então, é o pai que volta ao filho saudoso, corre ao seu encontro, o enche de abraços e beijos e lhe prepara uma grande banquete porque “este filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontra-

do”(Lucas 15,24).É a figura do pai amoroso e não autoritário.

Para resgatar a figura do pai, se faz importante distinguir entre os modelos culturais de pai e a função permanente da figura do pai. Os modelos variam consoante os tempos e as culturas: o pai patriarcal, autoritário, amoroso, participante, companheiro e amigo. Uma é a figura do pai centralizador na cultura muçulmana, cercado de mulheres (poligamia), outra é a do pai na cultura ocidental monogâmica e assim nas diferentes espaços culturais.

A função do pai constitui estrutura permanente, imprescindível para o complexo processo de individuação da pessoa. Em todos os modelos, age esta estrutura permanente do pai, mas sem se exaurir em nenhum deles. A crise dos modelos libera esta estrutura sempre presente,chamada também do princípio paterno para novos modelos adequados ao nosso tempo.

Concentremo-nos nesta estrutura permanente do pai. A figura do pai é responsável pela primeira e necessária ruptura da intimidade mãe-filho/a e pela introdução do filho/a no mundo transpessoal, dos irmãos/irmãs, dos avós,dos parentes, dos amigos da família, numa palavra,nos muitos da sociedade.

Nesse mundo dos muitos, vige ordem, disciplina, autoridade e limites. Os pais têm que trabalhar, realizar projetos, prover a família e exercer sua profissão. Tudo isso exige coragem, mostrar segurança e disposição para os sacrifícios necessários.

Ora, o pai é a concretização destas atitudes. Ele é a ponte para o mundo transpessoal e social. Nessa travessia, a criança se orienta pelo pai-herói arquetípico que tudo sabe, tudo pode e tudo faz. Se faltar essa referência, a criança pode se sentir

insegura, perdida e sem iniciativa.

Pertence à figura do pai fazer compreender a diferença entre o mundo dos poucos, da família e o mundo dos muitos, da sociedade. Não há só aconchego especialmente junto à mãe, mas também o trabalho do pai. Não há só ternura mas também conflitos sociais. Não apenas ganhos mas também perdas.

Há programas de entretenimento da televisão que exacerbam o desejo, fazendo crer que só o céu é o limite.É a ilusão do desejo. Cabe ao pai mostrar que não é bem assim e que em tudo há limite. Todos somos incompletos e podemos nos frustrar. E até dar-se conta de que há a morte de parentes ou de amigos queridos.

Operar esta verdadeira pedagogia desconfortável mas vital é atender ao chamado da função permanente do pai. Sem ela o pai está prejudicando seu filho/filha, talvez de forma duradoura. Uma figura de pai bem realizada, constitui a base para a criança ter uma imagem boa de Deus-Pai de bondade.

A sociedade moderna com as tvs, os celulares,os tablets e todo tipo de programas virtuais, fazem concorrência com o pai e lhe dificultam cumprir sua função permanente.

Mas nunca faltam figuras concretas de pais que conhecemos, que se imunizaram da impregnação patriarcal, enfrentam obstáculos e vivem dignamente, trabalham duro, cumprem seus deveres de pais, mostram responsabilidade e determinação. Participam das tarefas domésticas.

Desta forma, cumpre a função permanente da figura do pai, função indispensável para que seus filhos e filhas amadureçam o seu eu e, sem perplexidades e traumatismos, se façam autônomos e livres. Até serem pais e mães de si mesmos. É o que este dia dos pais nos faz refletir.

LUCIANA BRITES

CEO do Instituto NeuroSaber, psicopedagoga, psicomotricista

Pets na escola: estratégia pode contribuir para autorregulação e aprendizagem

Autorregulação é a capacidade de regular emoções, atenção e comportamento. Esse tema tem ganhado mais espaço nas discussões sobre estratégias educacionais. Com isso, a educação assistida por animais (EAA) surge como uma possibilidade de apoio ao desenvolvimento acadêmico e socioemocional de crianças e adolescentes.

A presença de um animal em ambiente escolar pode oferecer companhia, afeto e estímulos que tornam o processo de aprendizagem mais prazeroso e motivador. Quando selecionados e treinados adequadamente, eles contribuem

para a criação de um ambiente seguro, favorecendo a redução da ansiedade, aumento da empolgação e melhor adaptação diante de desafios acadêmicos e comportamentais.

Os pets devem ser selecionados e preparados para o ambiente educacional. O uso deles em sala de aula requer seleção baseada em temperamento, saúde e treinamento para garantir segurança e diminuir risco de doenças.

Esse tipo de recurso pode auxiliar no ensino ao proporcionar experiências lúdicas que estimulam interação e comunicação verbal. A

convivência com o animal tende a facilitar a realização de tarefas, incentivar a linguagem e a expressão de significados.

Conforme estudos da Psicologia e Educação, práticas de Intervenção Assistida por Animais (IAA) estão associadas a benefícios psicológicos que incluem diminuição do estresse, sensação de afeto e maior bem-estar; melhora na atenção, diminuição de comportamentos disruptivos e aumento da motivação dos alunos. O educador pode usar a presença do pet como meio positivo para reforçar aprendizagens, propor tarefas que envolvam cuidado e observação, além de valorizar o prazeroso vínculo entre criança e animal.

As atividades que promovem ludicidade costumam ser eficazes, como, por exemplo, leitura para pets, cuidados rotineiros, observação científica e jogos de linguagem.

Essas ações estimulam comunicação verbal, linguagem, estabelecimento de significados e permitem que os alunos interajam de forma positiva, tornando o aprendizado mais concreto e significativo.

As escolas devem consultar regulamentações locais, institutos especializados, exigir vacinação, exames de saúde e registros para prevenir doenças. Também devem obter consentimento de pais e responsáveis, avaliar alergias e ainda definir protocolos de higiene e manejo para tornar o uso dos animais seguro no ambiente educacional.

Quando integrada de forma planejada e segura, a presença de animais no ambiente escolar pode atuar diretamente na autorregulação, atenção, comportamento e aprendizagem, ampliando possibilidades de desenvolvimento emocional, social e acadêmico dos estudantes.